



TAXIDERMIA, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O ENSINO NÃO FORMAL EM MUSEUS

Mariah Kffuri Carniato (Universidade Estadual de Maringá-UEM)

Ana Laura Reinaldo Constantino (Universidade Estadual de Maringá-UEM)

Henrique Ortêncio Filho (Universidade Estadual de Maringá-UEM)

ra129255@uem.br

Resumo:

Este trabalho consiste em discutir sobre o uso da taxidermia como ferramenta para a educação ambiental em espaços não formais de ensino, neste caso, em museus, a estudantes de diferentes faixas etárias, como uma maneira didática de abordar a importância da conservação ambiental e como os fatores antrópicos interferem negativamente neste processo. A técnica de taxidermia foi considerada relevante, uma vez que oportuniza a visualização de elementos da fauna silvestre, principalmente regional, condição que aproxima e sensibiliza os estudantes sobre questões associadas à degradação ambiental e sobre a importância da educação ambiental em museus, visto que são gerados questionamentos, conversas e então, a reflexão sobre o conhecimento científico e a conservação ambiental.

Palavras-chave: Biodiversidade; Fauna Silvestre; Educação Científica; Popularização da Ciência; Visita Guiada.

1. Introdução

A educação não formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas (...), designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolvem organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como



uma multiplicidade de programas e projetos sociais (Gohn, 2014). Segundo Jacobucci (2008), espaços não-formais de Educação, como os museus, têm se constituído como campo para diversas pesquisas em Educação que buscam compreender principalmente as relações desses ambientes com a Educação formal no Brasil e os museus e centros de ciências, situação que têm recebido atenção dos pesquisadores pela potencialidade de envolvimento da comunidade escolar com a cultura científica.

Sendo assim, este estudo teve por objetivo relatar as ações realizadas durante as visitas ao Museu Dinâmico Interdisciplinar (MUDI), da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no ambiente da Fauna, que conta com animais taxidermizados e estão representados nos espaços correspondentes aos biomas brasileiros. A taxidermia é uma importante ferramenta para a conservação, além de contribuir com o processo educativo e cultural da sociedade (Taffarel, 2011). Segundo o mesmo autor, a conservação de animais taxidermizados, colocando-os em museus didáticos e expositivos, propicia a observação e estudo de espécimes que de outra forma poderiam se perder na natureza, por exemplo, quando mortos em atropelamentos. Sendo assim, os museus representam espaços não formais de ensino para alunos e para a comunidade, como é o caso do MUDI.

2. Metodologia

O estudo contemplou a análise de visitas ao MUDI, nos meses de abril a agosto de 2024, como estudo descritivo (Gil, 2008). As visitas guiadas foram previamente agendadas e o atendimento foi realizado por monitores, geralmente estudantes bolsistas da UEM. O público-alvo era composto por discentes desde a educação infantil até a Universidade da Terceira Idade (UNATI-UEM). Os grupos eram divididos em até 30 pessoas e a duração da visita era de 20 a 30 minutos.

Este museu é um espaço que permite ao visitante a interação com algumas áreas do conhecimento, como: Física, Química, Matemática e Biologia. Entre os ambientes mais visitados, temos o espaço da fauna, onde são caracterizados os biomas brasileiros e alguns representantes da fauna desses locais, contemplando exemplares de diferentes espécies de animais taxidermizados, como: onça-pintada; jacaré-do-papo-amarelo; arara-canindé; tamanduá-bandeira; lobo-guará, entre outros. Neste ambiente, é apresentada e discutida a



associação dos mesmos com a oferta de alimentos, presas e predadores, características ambientais e impactos antrópicos aos biomas de maneira geral. De acordo com Auricchio e Salomão (2001), é fundamental que os alunos entrem em contato com o que estão estudando, e essa disseminação é oferecida em parques zoológicos e em coleções de animais taxidermizados, por exemplo (Taffarel, 2011).



Figura 1. Espécimes taxidermizados e dispostos no Ambiente da Fauna, MUDI/UEM, em 2024.

3. Resultados e Discussão

Durante os atendimentos, foi recorrente o surgimento de algumas questões, como: Como os animais chegaram até aqui? Como eles são conservados? Qual foi a causa da morte? Onde eles vivem? Quais são os hábitos (alimentares, reprodutivos, etc.)?

Entre os assuntos abordados e considerando os questionamentos dos visitantes, regularmente é realizada a explicação de como os animais chegam até o museu, reforçando a colaboração da Polícia Ambiental de Maringá, que faz o recolhimento desses, quanto da ocorrência de episódios de atropelamentos, principalmente em estradas e rodovias. Além disso, é explicado o conceito do termo taxidermia, que segundo Taffarel (2011) significa “dar forma à pele”, é a arte ou técnica de montar ou reproduzir animais para exibição ou estudo.



Segundo Auricchio e Salomão (2019), a técnica pode ser empregada em diversas espécies de animais, os quais podem ser conservados inteiros ou em partes; à seco ou em líquido.

A exposição foi montada organizadamente, com informações sobre os biomas nos quais as espécies estão inseridas, o que é relevante de acordo com Taffarel (2011), pois é necessário que a exposição seja preparada de maneira didática, simulando seu habitat natural (Diorama). Entre os assuntos abordados ao longo das visitas estão: as ações antrópicas e as alterações nos ambientes naturais; a fauna urbana; os principais fatores de ameaça à fauna. Ao longo das visitas, o tema “impacto das rodovias sobre a fauna” sempre é muito evidente, em especial porque os animais em exposição no MUDI são oriundos principalmente de acidentes desta natureza. Este é um impacto bastante visível e constatado em estudos, principalmente no tocante dos vertebrados (Milli; Passamani, 2006; Melo; Santos Filho, 2007; Hartmann *et al.*, 2011 Hegel *et al.*, 2012; Deffaci *et al.*, 2016).

4. Considerações

O museu como espaço não formal de educação, em especial considerando a taxidermia como auxiliadora no ensino da educação ambiental, ajudou no processo de aprendizagem e na sensibilização dos visitantes sobre temas cotidianos voltados à conservação ambiental. A utilização de espécimes taxidermizados despertou o interesse dos visitantes em conhecer melhor a fauna e contribuiu no processo de aproximação de temas voltados à conservação da vida silvestre frente ao processo de transformação dos ambientes naturais devido à ação humana.

Referências

TAFFAREL, C. D. f: **A utilização de técnicas de Taxidermia como auxílio no ensino da educação ambiental.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/17784/TCCE_EA_EaD_2011_TAFFAREL_CARLOS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 jul. 2024.

BRASIL. ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA).** Disponível em:



<<https://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/politicas/pnea.html>>. Acesso em 24 jul. 2024.

AGUIEIRAS, M. R. **Os atropelamentos de vertebrados silvestres no Brasil:** como essa problemática de conservação é percebida pela sociedade. 2021. 242 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/20800>>. Acesso em: 24 jul. 2024.

GOHN, M. G. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação**, v.2, n. 1, p. 35-50, 2014.

JACOBUECCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista em Extensão**, v. 7, n. 1, p. 55- 66, 2008.

GIL, A. C. **Métodos técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, p. 220, 2008.